

LABIRINTOS DE CAETANO DIAS

Cláudia Maria de Moura Pôssa - UFBA

RESUMO

O baiano Caetano Dias, nascido em Bonfim de Feira, distrito de Feira de Santana, é artista visual que não privilegia um único suporte. Vem desenvolvendo instigante trabalho sem prender-se a uma técnica específica, lançando mão de vídeos, pinturas, obras tridimensionais, fotografias, instalações, site specific etc. Este texto apresenta uma reflexão sobre a sua obra, enfocando especialmente trabalhos realizados nos últimos anos, e questões do corpo. A proposta é uma leitura que permita evidenciar relações entre trabalhos aparentemente díspares visando potencializar significados da obra, um olhar baseado em ideias e temas que ressoam no conjunto. O intrincado tecido das obras de Caetano permite leitura múltipla, daí sua riqueza, na ambivalência do universo mapeado.

Palavras-chave: Caetano Dias, artes visuais, corpo, memória.

SOMMAIRE

Caetano Dias est né à Bonfim de Feira, Feira de Santana, Bahia, et il est un artiste visuel qui ne favorise pas un seul support. Il met en place un travail remarquable sans être titulaire d'une technique spécifique, ce qui rend l'utilisation de vidéos, peintures, œuvres tridimensionnelles, photographies, installations, site spécifique etc. Ce texte présente une réflexion sur son travail, en particulier sur les travaux de ces dernières années et des questions du corps. La proposition est de permettre une lecture pour montrer les relations entre les œuvres apparemment disparates visant à intensifier la signification du travail, un regard basé sur des idées et des thèmes qui résonnent dans l'ensemble. Le tissu des œuvres de Caetano permet une lecture multiple, donc sa richesse, dans l'ambivalence de l'univers cartographié.

Mots-clés: Caetano Dias, arts visuels, corps, mémoire.

Minha aproximação à obra de Caetano Dias deu-se, em 2004, por meio de seu trabalho denominado *Religar*. Nesta performance, estavam explicitadas a impossibilidade e a fragilidade das relações humanas, exibidas através de tubos de borracha cor da pele com os quais, inutilmente, os participantes tentavam conectar-se utilizando ventosas presas à pele. Mesmo que, aparentemente, físico e concreto, tal contato mostrava-se menos ligante que o olhar, mas metaforicamente muito potente por remeter à ligação umbilical perdida que parecia tentar ser revivida em

uma nostalgia da continuidade inicial. Como no nascimento, momento de ruptura e de constituição do eu sozinho, o trabalho resultava em marcas corporais nos “eus” envolvidos, em escrita-cicatriz da impossibilidade de religação.

A partir deste contato, percebi que a obra de Caetano Dias tem, como um de seus eixos, a questão do corpo. É importante ressaltar que se trata do corpo entendido de forma ampla, não apenas o corpo humano mas, também, o corpo da cidade, o corpo em transformação, o corpo imerso em um espaço e uma cultura, assim como na história. Um corpo em constante processo de constituição e dissolução que, assim como a memória, outra das grandes questões recorrentes em seus trabalhos, é feito de marcas e esquecimentos. As questões sobre o corpo são muito abrangentes e envolvem seu erotismo e sua efemeridade, ou seja, sua relação com o mundo e com o outro, assim como a relação com a morte.

Na ocasião da performance, pude acompanhar a concepção do *Cristo de rapadura*, moldado em tamanho natural. O Cristo remeteu-me, imediatamente, ao sermão décimo quarto de Vieira¹, aos negros escravos produzindo o açúcar dos engenhos baianos, descritos em um paralelo ao próprio Cristo crucificado. Ao morar em Salvador, capital do longo ciclo colonial do açúcar, e incorporar este material em seu fazer artístico, a referência ao período de escravidão torna-se evidente. Nos traços e na cor estão ali os negros sacrificados, carne para ser consumida com culpa e deleite. O sentido da comunhão apresenta-se em sua intensidade original: Cristo para ser comido, doce apesar de crucificado, dolorido apesar de doce. O impacto da obra, feita para ser lambida, está em remeter simultaneamente ao sacrifício sagrado e ao prazer. As relações humanas e a incomunicabilidade nutrem a obra de Caetano na qual o erotismo e o sagrado estão interligados, o desejo de fusão aparece em um constante diálogo do profano com o sagrado instituído. Seus trabalhos remetem a esse núcleo que parece atraí-lo como um polo imantado.

As ideias elaboradas por Georges Bataille permitem uma entrada na poética de Caetano. Já no início do seu conhecido livro, *L' érotisme*, Bataille resalta a intrínseca ligação do erotismo com o sagrado e com a morte². Para o autor, o sentido último do erotismo é o anseio de fusão, de supressão de limites entre o eu e o outro, o eu e o mundo. Baseando-se na concepção de que existimos por dentro e somos seres descontínuos, ele resalta que somos seres em descontinuidade que

se abrem à experiência da continuidade, jogando com os limites do ser. O que está em questão é sempre a substituição do isolamento do ser pelo sentimento de profunda continuidade. No erotismo, a passagem ao outro lado está para ser acionada: continuidade maravilhosa numa descontinuidade persistente, fusão precária e profunda implicando em uma dissolução de formas, em abandono da individualidade durável e afirmada. Como estado de dissolução, o erotismo, quer seja dos corpos, dos corações ou explicitamente vinculado ao sagrado, alcança o que temos de mais íntimo, acende o desejo de exceder limites, conduzindo ao mais profundo que se pode alcançar, a uma intimidade onde o eu se expande e se dilui.

Bataille fala de um erotismo que é afirmação da vida até na própria morte, que implica em alternância e ambivalência entre vida e morte, entre belo e informe, entre bondade e maldade, entre doçura e violência e onde se encontram o corpo e a história. Essa paradoxal coexistência de fusão e dissolução faz com que o terreno do erotismo seja também o da violência: a paixão acarreta desordem e perturbação. Assim, para Bataille, o erotismo está intimamente relacionado com a morte: é fluida a linha entre prazer e morte. Irremediavelmente, somos levados a viver a morte, somos constante processo de construção e desconstrução.

Citando Rimbaud, Bataille lembra-nos que a poesia leva ao mesmo ponto que o erotismo: à indistinção, à confusão de objetos distintos. A obra de Caetano tem a complexidade de uma produção híbrida, que lança mão de diversos meios. As questões do corpo e de sua dissolução estão presentes em trabalhos variados. Caetano, como Bataille, aceita o desafio de dançar com o tempo que nos mata. Tentando transpor barreiras de acesso ao recôndito interno, cada trabalho, descontínuo, faz parte de um processo, uma continuidade, que faz emergir novos significados.

Já em *Paixão*, instalação do final dos anos 1990, a mescla de erotismo e sagrado está evidente. O trabalho apresenta uma fotografia, imersa em água, de um homem assassinado. Um “JC” na camisa do morto reforça o que a composição explicita. O morto real confunde-se com o morto sagrado e ressalta a relação de sensualidade e morte desde muito tempo usada pela igreja católica e pela arte na representação do Cristo morto. A imagem assume o seu caráter erótico e a sua ligação com a morte. A sedução relaciona-se com a morte em vários sentidos: na água salgada, a fotografia

desfaz-se marcando seu caráter efêmero, como sangue que escorre.

A presença da morte é também explícita no vídeo *Sopro*, onde, em loop, ouve-se o grito incessante de um porco ao ser abatido. A ambivalência do sacrifício aparece no prolongado grito de solidão desse instante limiar em que o sopro de vida é mais contundente: no grito de morte.

O princípio de dissolução está presente, pictoricamente, nas paisagens de Caetano. Em sua pintura, nas *Florestas* e *Catedrais*, constrói e desconstrói na superfície bidimensional, assim como, em suas recriações das figuras de Hans Staden³, de índios comendo carne humana, o artista remete a questões do corpo, à vizinhança do sagrado e do erótico, da morte e do prazer. É bom lembrar que o canibalismo, um dos primeiros neologismos do “novo mundo”, tem profundas raízes na comunhão cristã: remete ao asco, ao interdito e, ao mesmo tempo, ao desejo mais profundo e ao sagrado. No canibalismo, o desejo é explicitado em suas contradições íntimas.

Em uma estratégia de embaralhamento e inversão de sentidos, a obra de Caetano opera uma crítica e explicita a paradoxal situação, contemporânea por excelência, do ato de o consumo evidenciar o caráter efêmero do mundo e nossa própria perenidade. Às vezes com um toque de ironia, como no trabalho *Água benta geladinha*, o sagrado é disponibilizado ao consumo apelando ao desejo de prazer. O público é parte da obra que evoca simultaneamente o sagrado, o popular e o profano. O apelo ao público e aos santos populares também aparece na *Santa preta de duas cabeças*, exposta em uma feira, a qual “escuta” nossos desejos, ou no *Mata-mosca*, onde frases populares de atração religiosa, em neon, atraem moscas para serem eliminadas por descarga elétrica: os aparelhos são reinseridos em contextos de consumo popular, como açougues e botecos, para depois serem levados ao consumidor de arte, provocando sempre estranhamentos múltiplos.

Em *Jesus alegria dos homens*, novamente, está presente a interação com o público, que é convidado a explicitar o que oculta a si mesmo. Nesse trabalho com pessoas amordaçadas, desejos e medos primários se misturam. Momento instável de ruptura interna entre o “eu” que deseja e tem prazer e o “eu” que é submetido à força. Os dois coexistem de forma impossível e, portanto, remetem a um “eu” que só é possível na dúvida radical de sua própria existência. O amordaçado explicita o seu

ser ativo em sua aparente submissão. O abismo do eu é a ruptura mais profunda. Questionado, o sujeito se dilacera, une contrários incompatíveis e inacessíveis a uma compreensão racional. Desejo e medo de comer e de ser comido coexistem. Onde o desejo e onde o medo? Também, na performance *Assim na terra como no céu*, o artista oferece aos presentes a sensação de vertigem e o medo/desejo de entrega: na pedra sacrificial, onde o corpo se encaixa, o ser encara a imensidão do céu apoiando sua fragilidade sobre a estrutura que ecoa o branco das cabeças, em gesso, decepadas, que contrastam com o entorno natural onde estão espalhadas.

Os *Santos populares*, fotos pornográficas capturadas na internet e retrabalhadas por Caetano, remetem aos clássicos da pintura. Entretanto, não é uma atitude de reverência e, sim, provocadora de estranheza, pelo esvaziamento e perda de sentido das imagens originais. Desfocadas, as imagens mesclam o íntimo ao público, o sagrado ao profano, o clássico ao pornográfico. Os limites/fronteiras perdem a possibilidade de definição. O corpo erotizado é uma constante na poética do artista: carne para consumo, reflexo turvo em que é possível reconhecer-se, mesmo que em sombras, e estranhar-se na impossibilidade de clareza da imagem. Sombra do eu ou sombra do outro? Fugidias, escorregadias, as imagens permitem simultaneamente o reconhecimento e a estranheza. O “eu é um outro” já concluía o precoce Rimbaud⁴.

Sobre a Virgem relaciona-se com as fotos desfocadas. O mesmo princípio de desconstrução, traduzido ao tridimensional: dissolver as imagens em furos. Apresentadas na Capela do MAM, em Salvador, estátuas em tamanho real de Santa Bárbara, no sincretismo baiano Iansã, perfuradas e iluminadas por dentro, são colocadas lado a lado, ao mesmo tempo em que, na luz avermelhada, cada uma reproduz, por meio de um gravador, depoimentos de mulheres, loucas e prostitutas. Juntas, santas e prostitutas enfatizam outra vez a proximidade do erotismo e do sagrado. As imagens perfuradas, violadas, não escondem o cunho religioso, presente no pornográfico. No contraste entre o claro e o escuro, o sagrado e o mundano interpenetram-se e estreitam-se. Novamente questionam-se as fronteiras, interior e exterior se mesclam nos furos iluminados. O interno mostra-se tanto nos ocos de luz quanto na fala/depoimento de vidas confessadamente vividas. A mesma corrosão do tridimensional aparece no trabalho que apresenta uma casa para cupim apoiada sobre madeira. A complexidade da estratégia de construção e

desconstrução está explicitada no fato de, ao consumirem sua própria base e desenhar seu universo, no limite, os seres aproximam-se de sua própria desintegração.

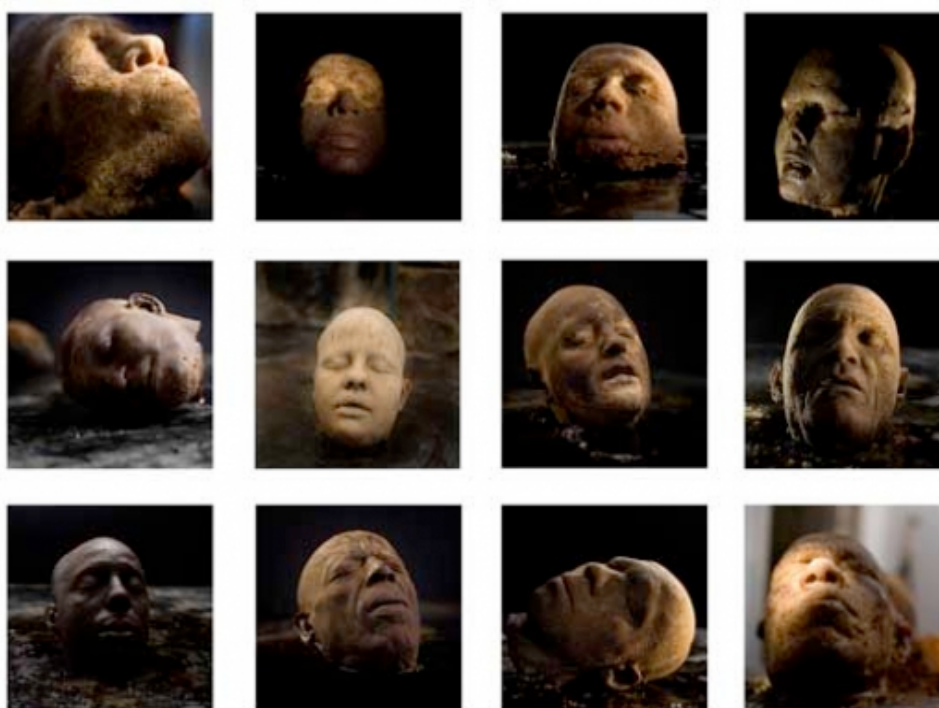


Caetano Dias, *Cristo de Rapadura*, 2004. Fotografias

Os trabalhos em açúcar, de Caetano, a partir do *Cristo de Rapadura*, desdobram-se em outros objetos expostos em museus, além de levarem a ações e intervenções urbanas. A interatividade, conforme já apontado por André Parente⁵, é uma das questões que aparecem em obras como *Canto Doce*, *Pequeno Labirinto* e *Brinquedos*. Ao construir labirintos e muros de açúcar, em espaços soteropolitanos, como o bairro Santo Antônio, a estação ferroviária da Calçada e o Solar do Unhão, o artista provoca a interação com o público que participa de variadas maneiras. Caetano deixa claro que, trabalhar com uma referência ao passado histórico da região onde vive, não é, para ele, simplesmente criticar ou ter nostalgia do passado, mas propor vivência nova, evidenciar o papel da cultura no reencantamento das nossas vidas, mudar de forma criativa as condições que levam à opressão e à monotonia.

Como contraponto à estética da dissolução, as obras em açúcar apresentam-se sob a forma de registro em foto e vídeo, conforme já apontado por Daniela Bousso⁶. Na

série de fotografias *Coleção de cabeças*, as cabeças fotografadas foram primeiramente moldadas em açúcar: efêmeras enquanto esculturas, mas perenizadas como imagens. O doce melaço escorre dessas cabeças, como sangue. O conjunto remete ao desejo e ao medo, à atração e repulsa da morte. Somos defrontados com formas escuras e doces em que se fundem e confundem as pulsões humanas. Seres ocultos noturnos emergem aqui e ali, deixando-se entrever e explicitando-se apenas como seres desejantes e desejados. Os corpos de açúcar são captados como que emergindo de um fundo escuro. Os rostos negros são apenas vislumbrados, partes da imagem são deixadas na semi-escuridão. Mostradas em conjunto, estas cabeças permitem pensar no medo da desintegração da identidade que é encarado neste escuro indistinto, espelho cheio de encontros com nossas próprias imagens internas.



Caetano Dias, da *Coleção Cabeças*, 2007. Fotografias

As imagens do *Indigente*, escultura sólida, feita em açúcar, idealizada para ser deixada em espaços da cidade e provocar a reação das pessoas, dialogam fortemente com as da série *Cabeças* e com o *Cristo de Rapadura*. Moldado em tamanho natural, o corpo negro, mais uma vez, remete a erotismo e morte.

De forma complementar, as séries de fotografias feitas no meio urbano explicitam o

corpo da cidade em construção e dissolução no tempo. Em uma ambiguidade que se faz muito presente na arte contemporânea, Caetano arquiteta vestígios de espaços vivenciados. A partir de uma maquete, de labirintos construídos de açúcar, de prédios abandonados, recria uma paisagem urbana. A arquitetura, explicitamente presente na maquete ressignificada, remete ao corpo individual assim como ao corpo social. O espaço da moradia, representado em aspectos arquiteturais tanto internos como externos, vai além da ideia de abrigo e espaço privado.

O corpo masculino erotizado, uma constante na poética de Caetano, está presente no vídeo *Oxalá*, em uma dança da Bahia com Bach. Neste encontro inusual, o cotidiano como que se dobra e desborda: tem-se, como em um transe, uma transcendência e mais uma vez o erotismo e o sagrado se aproximam. Filmado em um bar, o sagrado e o mundano interpenetram-se e estreitam-se.

O vídeo *Lago* é outra experiência do artista que vincula a imagem ao som, neste caso, uma trilha concebida por Wilson Sukorski. Quase etéreo e incorpóreo é pura dissolução no espaço/tempo. O espaço apresentado com a imensidão da intimidade de um olhar atento ao tempo. Solidão, havendo aqui uma substituição do isolamento do ser pelo sentimento de profunda continuidade com o mundo. O trabalho leva a pensar a possibilidade de vivência de um espaço que é interno e, simultaneamente, externo.

A videoinstalação *Nuvem*, apesar do nome, apresenta um corpo palpável em sua angústia, explicitando a instabilidade do eu assim como o desejo de relação, em um espaço fluido e movediço. Ao mesmo tempo, certo encantamento mágico está presente. O vídeo mostra, a partir de imagens gravadas em um simulador, um homem sob o efeito de uma tempestade no mar. A projeção do homem, imerso, em uma pequena nuvem de algodão, em suspensão no ar, dá uma dimensão do nosso desamparo frente ao universo. A água, recorrente nos trabalhos de Caetano, é um elemento de passagem, um intermediário entre corpo, espaço e memória. Novamente mesclam-se as fronteiras interior e exterior.

A videoinstalação *Passeio Neoconcreto* é outro trabalho com forte presença do erótico, do abismo e da solidão que nos habitam. Vemos no chão, entre os blocos do piso de cimento, um pequeno ser que se debate enquadrado em água. A imagem

suscita angústia, assim como remete, também, a um desejo de útero que nos abrigue do mundo. A incomunicabilidade do ser aqui é completa. O desamparo mostra-se de forma contundente no corpo tão explicitamente nu e sozinho. Preso ao mesmo tempo na água e no chão, imerso e submerso, é ele uma imagem do próprio inconsciente. O corpo debate-se na ânsia de abertura e comunicação. Provocando fascinação, ao mesmo tempo em que incomodando, este ser latente quer mostrar-se. O trabalho desdobra-se também em cópias fotográficas, na série *Submerso*.



Caetano Dias. *Submerso*, 2009. Fotografias

A obra intitulada *Bicho Geográfico*, site specific realizado no Palácio da Aclamação, em Salvador, apresenta complexa geografia interna. Unindo o cenário e a história do lugar, é um ensaio poético que fala tanto da natureza humana como das complexas relações de poder. As leituras podem ser diversas, como em uma fábula. Pode-se pensar no encontro de Catarina Paraguaçu e Caramuru, em termos de história, ou, em uma leitura mais universal, no embate entre o feminino e o masculino, ou entre a civilização e a natureza. Em três telas, com projeções simultâneas, encontram-se corpo e história. As imagens surpreendem na medida em que as nossas estratégias de reconhecimento são constantemente rompidas. O delicado e o visceral estão lado a lado. Em uma encenação que tenta mostrar algo impossível de ser dito em palavras, o espaço narrativo é desconstruído. Como em um labirinto, os caminhos da narrativa são múltiplos, a dimensão temporal é indeterminada e a incerteza é via de acesso para a compreensão do mundo. Em um tempo híbrido, as imagens

exploram o insólito e o estranho das experiências vividas e imaginadas, prestam-se a registro e relato de situações inusitadas. Direcionado para o chamado cinema expandido, o artista espera que, como coloca Kátia Maciel⁷ em relação aos caminhos atuais do cinema, o espectador experimente sensorialmente o universo no qual se encontra imerso, vivencie o espaço e possa construir sua própria narrativa, a partir das imagens espacializadas de múltiplos pontos de vista. A arte permite desordenar tempos e lugares, exigindo um experimentar que vai além de si.

A memória é também ideia básica no trabalho de Caetano. Isto se tem evidenciado em seus últimos trabalhos, em filmes/vídeos/fotografias. Walter Benjamin, ao escrever sobre o fato vivido e o lembrado, diz muito acertadamente que “um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois”⁸. Ou seja, a presença do passado não nos remete apenas ao fato evocado, mas navega no tempo e se desloca no espaço, interconectando imagens e correlacionando sentidos.

No vídeo *1978 – Cidade submersa*, o limite entre ficção e realidade é tão tênue que uma se deixa atravessar pela outra. O mergulho na antiga cidade de Remanso, submersa nas águas, ecoa várias das colocações anteriores: águas, memórias e um ser que se relaciona com a morte. Seja a morte de uma cidade, visível pela presença da caixa d’água, situada agora dentro da represa, ou a que todos nós temos que defrontar, como condição humana. A fascinação pela zona fronteira entre vida e morte, entre o erótico e o sagrado, entre construção e dissolução, é marca constante no trabalho de Caetano.



Cena de *1978 – Cidade submersa*. Vídeo de Caetano Dias, 2010

Entre um ser e outro há sempre um abismo, o outro é sempre outro, mas a tentativa de união persiste. A corda do barco, que aparece no final do vídeo de Remanso e que conecta a embarcação ao fundo, remete a esse desejo de uma relação, consciente e inconsciente.

O intrincado tecido das obras permite leitura múltipla, daí sua riqueza, na ambivalência do universo mapeado. Caetano está sempre na fronteira, prestes à ruptura, junto ao abismo. As relações humanas e a incomunicabilidade nutrem sua obra na qual o desejo de fusão, muitas vezes, aparece em um diálogo do profano com o sagrado instituído, como explicitado em seus Cristos e Santas.

O que está em questão é sempre a substituição do isolamento do ser pelo sentimento de profunda continuidade. Como estado de dissolução, o erotismo alcança o que temos de mais íntimo, acende o desejo de exceder limites, conduzindo ao mais profundo que se pode alcançar, a uma intimidade onde o eu se expande e se dilui. Eixo central no pensamento de Bataille, a noção de experiência interior contrapõe-se à experiência científica: “não escrevo para quem não poderia se demorar, mas para quem, entrando neste livro, cairia como em um buraco”⁹. Como Bataille, Caetano busca surpreender, perdendo-se em rotas inusuais e levando junto o expectador em estratégias de sedução.

A dissolução aparece explicitada nas imagens de ruínas, que revelam a inquietude humana, enraizada na consciência da morte. O olhar sempre responde a algo que apremia, a uma demanda que chega de fora e de dentro, e está sujeito às armadilhas das circunstâncias assediantes e instantâneas. O excesso visual do mundo produz sempre uma desagregação pela qual somos vencidos. Dessa derrota, íntima e humana, nasce a exigência do fazer artístico. Na solidão da caixa d’água nos vemos frente a essa fonte de vida e possibilidade de morte: a água de beber é também a que afoga.

Adentrar o labirinto artístico de Caetano é penetrar em um mundo em que se é convidado, ou melhor, instado a se descentrar, seduzido a se perder. Arte para ser algumas vezes literalmente saboreada, com seus elementos de inquietação e o estranhamento do interdito e do entre dito.

Ao colocar o ser em questão, as obras provocam, muitas vezes apelando para o

incômodo e dilatando a percepção pelo pensamento. Em um processo que questiona o que é o eu e o que é o outro, antíteses clássicas, como o fora e o dentro, desestabilizam-se. Ao tentar dar forma aos fantasmas da sexualidade, os trabalhos revelam a inquietude humana, presente nos enigmas do corpo e enraizada na consciência da morte.

¹ No "Sermão Décimo Quarto", que teve lugar em um engenho na Bahia, no ano de 1633, dia de São João Evangelista, Vieira faz um paralelo entre o sofrimento dos negros nos engenhos e o de Cristo na cruz. VIEIRA, Antônio. *Sermões*. Porto: Lello, 1959.

² BATAILLE, Georges. L'érotisme. In: *Oeuvres complètes*. Tomo X. Paris: Gallimard, 1987. Publicado em português como *O erotismo*, pela editora PL&M.

³ Pinturas que remetem às gravuras feitas por Hans Staden, no século XVI, após o período de convívio com os índios Tupinambás brasileiros.

⁴ No original, "*Je est un autre*", conhecida frase escrita por Arthur Rimbaud em carta dirigida a Georges Izambard, em maio de 1871, em que anuncia seu projeto poético, conhecida como primeira carta do visionário.

⁵ PARENTE, André. "Caetano Dias e sua estética relacional". *Transverso*. Salvador: [s.n.], 2010. Catálogo de exposição de Caetano Dias. Galeria Paulo Darzé.

⁶ BOUSSO, Daniela. *Associação Cultural Videobrasil*. "FF>>dossier 041 Caetano Dias". Disponível em: <<http://www2.sescsp.org.br/sesc/videobrasil/site/dossier041/ensaio.asp>>. São Paulo, março de 2009.

⁷ MACIEL, Kátia. *Transcinemas*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009, pp. 17-18.

⁸ BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1993, p.37.

⁹ BATAILLE, Georges. L'expérience intérieure. In: *Oeuvres complètes*. Tomo V. Paris, Gallimard, 1973, p.432. Publicado em português como *A experiência interior*, pela editora Ática.

REFERÊNCIAS

BATAILLE, Georges. L'érotisme. In: *Oeuvres complètes*. Tomo X. Paris: Gallimard, 1987.

_____. L'expérience intérieure. In: *Oeuvres complètes*. Tomo V. Paris, Gallimard, 1973.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BOUSSO, Daniela. *Associação Cultural Videobrasil*. "FF>>dossier 041 Caetano Dias". Disponível em: <<http://www2.sescsp.org.br/sesc/videobrasil/site/dossier041/ensaio.asp>>. São Paulo, março de 2009. (acesso em dezembro de 2011).

MACIEL, Kátia. *Transcinemas*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009.

PARENTE, André. "Caetano Dias e sua estética relacional". *Transverso*. Salvador: [s.n.], 2010. Catálogo de exposição de Caetano Dias. Galeria Paulo Darzé.

Professora da Universidade Federal da Bahia e Doutora em Artes pela Universidade de Barcelona, programa “*Fotografia y Vídeo*”. Com o tema de sua tese e em parceria com Alex Baradel, da Fundação Pierre Verger, fez a curadoria da exposição “De um Mundo ao Outro - Pierre Verger nos Anos 30”, evento integrante do Ano da França no Brasil.